

Uma proposta de análise para a estrutura verbal em Paumarí: questões preliminares sobre causa e agentividade

A proposal for the analysis of verbal structure in Paumarí: preliminary considerations on cause and agentivity

Guilherme Augusto Duarte-Borges¹

RESUMO: O artigo é uma análise preliminar de estruturas verbais em paumarí, língua indígena da família Arawá, descrita pelos missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Consideraram-se as estruturas descritas como causativas, marcadas com prefixo *na-* e sentenças intransitivizadas marcadas com sufixo *-ha/-a*. Foi proposto, utilizando-se o ferramental da Morfologia Distribuída, que a língua tem dois tipos de estruturas causativas, uma produtiva, marcada, e outra não marcada, porém marcada na anticausativa com o sufixo *-ha*, reinterpretando a marcação intransitivizadora em anticausativa, quando na presença de sujeito tema. Quando na presença de sujeito agente, o sufixo *-ha* é um categorizador verbal inergativo.

PALAVRAS-CHAVE: paumarí; morfologia distribuída; causativas; anticausativas.

ABSTRACT: This paper analyzes verbal structures in Paumarí, an indigenous language of Arawá family, described by missionaries of the Summer Institute of Linguistics (SIL). I considered some structures described as causative, marked with the prefix *na-* and in intransitivized sentences marked with *-ha/-a* suffix. I propose, using Distributed Morphology framework, that the language has two types of causative structures, one productive, marked, and one unmarked, but marked in the anticausative counterpart by *-ha* suffix, reinterpreting the intransitives in marked anticausatives, when the subject is patient. When the subject is agent, the *-ha* suffix marks an unergative verbal categorization.

KEYWORDS: paumari; distributed morphology; causatives; anticausatives.

1 Introdução

Este trabalho pretende explorar algumas nuances gramaticais da língua indígena paumarí, família Arawá, falada pelo povo indígena Paumarí, localizado nas proximidades do rio Purus, no estado do Amazonas. Não é uma língua muito

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLing-UFRJ), guilhermeborges@letras.ufrj.br, ORCID: 0000-0001-6418-2841.

estudada do ponto de vista formal. Para investigá-la, dispomos de dados coletados pelos pesquisadores Shirley Chapman, Meinke Salzer e Desmond C. Derbyshire (CHAPMAN, 1978; CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991; SALZER & CHAPMAN, 1997), missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL).

A língua apresenta diversos núcleos funcionais bastante produtivos, como aplicativos e causativo, por exemplo. Este último, causativo, segundo dados do SIL, é marcado pelo prefixo *na-* e ocorre com praticamente todos os verbos intransitivos (OLIVEIRAS, 2008).

Dito isto, o objetivo geral deste trabalho é a causatividade em paumarí. Ao observar diversos dados da língua, pretendo levantar a possibilidade de alternância causativa-anticausativa nas estruturas marcadas com *na-* em sua contraparte transitiva, em oposição à contraparte anticausativa não marcada, demonstrando que ocorrem em uma estrutura bieventiva. Para a análise, utilizarei o aporte teórico da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997), que propõe um viés não-lexicalista para a Gramática Gerativa.

Pautado em outros trabalhos dentro do modelo da Morfologia Distribuída proponho a descrição preliminar das estruturas eventivas para a alternância causativa-anticausativa básica, com prefixo *na-* em paumarí, observando, em especial, trabalhos como Alexiadou, Anagnostopoulou & Schäfer (2006, 2015), Scher, Medeiros & Minussi (2011).

Além disso, no curso da argumentação, levanto a hipótese de um segundo tipo de estrutura causativa-anticausativa, não marcada na contraparte transitiva, porém marcada na anticausativa. Isto leva a consequências morfossintáticas interessantes para a língua, pois sufixo *-ha*, descrito como intransitivizador nos dados dos missionários do SIL, passa a ser interpretado como dois morfemas distintos: de um lado como expressão de uma anticausativa (quando em uma estrutura inacusativa); e de outro como um categorizador verbal (quando em inergativas).

Este artigo está dividido em cinco seções: na primeira seção - a introdução, apresento a língua paumarí e os objetivos gerais que norteiam o trabalho como um todo; na segunda seção, levanto os pressupostos teóricos utilizados na análise e nas propostas; na terceira seção, apresento alguns aspectos um pouco mais detalhados acerca da gramática do paumarí; na quarta seção, realizo a análise dos

dados e levantamento das propostas, em discussão direta com o embasamento teórico, que menciono nos momentos necessários; na quinta e última seção, concluo o artigo.

2 Pressupostos teóricos para a análise

2.1 Morfologia Distribuída – conceitos básicos

Primeiramente, convém destacar que assumo aqui um modelo construcionista de Gramática Gerativa, a Morfologia Distribuída (MD), como em Marantz (1997) e outros trabalhos, que em momento oportuno, citarei.

A MD propõe uma separação do léxico em três listas distribuídas, que têm elementos primordiais que interagem com a computação sintática, cada uma com um certo tipo de elementos.

A Lista 1, ou Léxico Estrito, contém os elementos funcionais e traços universais, além das raízes acategoriais que abastecem a Computação. É o repositório mais básico da competência linguística, da Gramática Universal. A Lista 2 é o Vocabulário, lista esta que contém os expoentes fonológicos responsáveis por atribuírem “som” aos nós terminais estabelecidos pela Computação. A Lista 3, Enciclopédia, armazena o “conhecimento de mundo” do falante e é responsável pelos significados idiomáticos e das raízes. As duas últimas listas representam de maneira geral, o conhecimento paramétrico da gramática do falante. Três principais propriedades deste modelo se diferenciam de outros anteriores de gramática Gerativa: A Sintaxe por toda a derivação, a Inserção Tardia e o Princípio do Subconjunto, que governa a Subespecificação de itens de vocabulário.

A Sintaxe por toda a derivação é a propriedade que se refere à atuação da computação Sintática em todos os níveis, isto é, não apenas em sentenças, mas no nível da palavra. Assim, as operações como concatenar (*Merge*) e mover (*Move*) atuam internamente, no que tradicionalmente se conhece como “palavra”.

A Inserção Tardia propõe que a Computação não carregue material fonológico, apenas traços. Tudo referente à fonologia é aplicado pós-sintaticamente, com o pareamento de fonemas com feixes de traços.

O Princípio do Subconjunto diz que os itens de vocabulário não têm a necessidade de serem totalmente especificados em relação a sua inserção em um nó sintático, trazendo como consequência, a propriedade de Subespecificação de itens de vocabulário, não necessitando assim, especificar todos os traços para um determinado item contido na Lista 2, trazendo uma economia maior ao sistema.

2.2 *Voice e Cause*

É importante destacar de que maneira adotarei a posição do tradicional “argumento externo” e sua relação com o núcleo verbal, tendo em vista, a diversidade de modificações analíticas sofridas ao longo da tradição da Gramática Gerativa. Tomarei, neste trabalho, a definição do núcleo *Voice* como introdutor deste argumento externo, concatenado à vP, bastante presente na literatura recente; é neste núcleo funcional que os sujeitos se manifestam e há bastante consenso na ideia de que o “argumento externo” não seja, de fato, um argumento real do verbo (MARANTZ, 1984; KRAZTER, 1996). Além disso, assim como Pylkkänen (2002, 2008) verifica empiricamente em japonês, finlandês, inglês e outras línguas, o núcleo *Cause* não está necessariamente associado ao núcleo *Voice* como agente; neste sentido *Cause* e *Voice* podem ser independentes entre si, a depender da língua: *Cause* introduz um evento causativo enquanto *Voice*, um argumento externo. Algumas línguas parametrizam o núcleo *Voice* de maneira unificada com o *Cause*, chamadas de *Voice Bundling* (PYLKKÄNEN, 2002, 2008; HARLEY, 2017), que é o caso do inglês e português, por exemplo. Nestas línguas, não há uma clara distinção sintática entre um causador e um argumento externo.

Em outras línguas por sua vez, *Cause* e *Voice* são tratados como núcleos independentes, línguas estas classificadas de *Voice-Splitting*². Este é o caso de

² Este termo é usado por Harley (2017) e é o que adoto neste artigo. Em Pylkkänen (2002, 2008) a autora chama o fenômeno de *Non-Voice Bundling*.

línguas como japonês, finlandês, venda, luganda, etc. Aqui, assumo para o paumarí a separação de *Voice* e *Cause* em núcleos distintos, como intuído por Galván (2014). O autor, analisando as causativas do russo e do paumarí, propõe que ambas as línguas sejam do tipo *Voice-Splitting*. Uma das motivações seria a presença de um sufixo agentivo *-ha*, que licencia o argumento externo agente, em coocorrência com o causativo *na-*, que introduz um evento causativo, como visto a seguir³:

1. Franço ho-ra ka-na-kasisi-ha-hi.

Franço 1Sg-Acc AplA-Caus-cigarro-Ag-Mod

“Franço fez cigarro para mim”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991)

Nas próximas seções ambos os morfemas serão melhor discutidos.

Ainda sobre o *Voice*, outros trabalhos defendem que nele pode ser alocado o argumento externo originador do evento causativo, porém com traços [-Ag]. Caso não haja evento causativo presente, apenas agentividade, o traço seria [+Ag], segundo Alexiadou, Anagnostopoulou & Schäfer (2006, 2015 - doravante AAS) e Alexiadou (2006).

2.3 Sabores de *v*, raízes e eventos

Na proposta aqui delineada, assumo também o conceito de “sabores de *v*” (CUERVO, 2003⁴; FOLLI & HARLEY, 2005; HARLEY, 2008), que propõe, em linhas gerais, que cada *v* selecionado da Lista 1 na Numeração tem um “sabor” específico, se apresentando morfologicamente por meio de feixes de traços

3 Legenda das abreviações usadas nos exemplos do artigo, a partir daqui: Abs – absolutivo; Acc – Acusativo; Ag - agentivizador/agentivo; AplA – Aplicativo Alto; AplB, Aplicativo Baixo; Asp – Aspecto; Aux - auxiliar; Caus – Causativo; Dem – demonstrativo; Erg – Ergativo; Intrans – Intransitivizador; Leve – verbo leve; Mod - Sufixo de modo; Nom – Nominativo; Nomlz - sufixo nominalizador; Obl – Oblíquo; Pl – Plural; Psd – passado; Sg – Singular.

4 O autor chama de *tipos de eventos* e não *sabores de v*, por ser anterior ao trabalho de Folli & Harley (2005), este último quem rotulou de “sabores”. Cuervo propõe cinco tipos de eventos, a ver: vDO (atividade), vGO (predicado de mudança), vBE (estativos), vDO+vBE (causativos), vGO+vBE (inchoativos). Para mais detalhes, ver Cuervo (2003).

binários, constituindo primitivos sintático-semânticos para determinar o tipo de estrutura de eventos do verbo que se formará. Adoto aqui, dois desses sabores: vDO – denotando um evento puramente agentivo - e vCAUSE – verbos denotando um evento causativo. Assumo, desta maneira, uma separação entre os dois eventos, manifestados por meio de v com sabores vCAUSE, e contextualmente um *Voice* com traço [-AG], e vDO, com a manifestação de um *Voice* agentivo [+Ag]. Importante salientar, que segundo AAS o núcleo *Voice* está intimamente ligado à formação de estruturas causativas, anticausativas e passivas.

Apesar de adotar uma bipartição entre causa e agentividade como Pylkkänen levanta, minha proposta se aproxima dos moldes de representação de AAS e Harley (2017), misturados com elementos propostos por Folli e Harley (2005), e na maneira como realizo as representações causativas. O principal ponto a ressaltar é a manifestação de eventos que os núcleos disparam, sendo bieventivo quando ocorre uma alternância causativa-anticausativa.

Dentro de um quadro da MD, Scher, Medeiros & Minussi (2011, doravante SMM) propõem um estudo das estruturas verbais em português brasileiro e os tipos de raízes que entram em determinadas estruturas como alternâncias causativas-anticausativas, inergativas, estativas, etc. Tendo essa proposta como base, proporei algumas estruturas para as ocorrências em paumarí, ainda que uma matriz de traços não seja exatamente possível, tendo em vista a dificuldade em lidar com significados de sentenças em um trabalho com dados secundários. Apesar da semelhança da análise aqui desenvolvida com a da proposta de SMM, discordo dos autores no fato de raízes poderem predicar, ou seja, terem a capacidade de tomar um DP como complemento e formar um sintagma raiz. Neste sentido, me alinho às propostas mais recentes como Bassani & Minussi (2015) e Nóbrega (2015, 2020) que argumentam que raízes são elementos sintáticos defectivos, necessitando obrigatoriamente de categorização com um elemento funcional para serem elementos manipuláveis sintaticamente.⁵

⁵ Os autores apresentam diversos argumentos consistentes para a discussão, se opondo veementemente ao trabalho de Harley (2014).

A combinação de uma raiz em um contexto estrutural específico com a sua categorização com um vizinho de determinado sabor é o que constrói a estrutura do vP na proposta aqui apresentada, seja inacusativo, inergativo, causativo, etc. denotando diferentes possibilidade de eventos.

Não obstante, a minha análise pretende adaptar para a realidade empírica do paumarí as diversas propostas dos trabalhos citados anteriormente, e de outros que, em momento oportuno serão mencionados, de modo a contribuir com dados de uma língua pouco explorada e em vias de extinção, para o quadro da Morfologia Distribuída.

3 Aspectos gramaticais da língua paumarí

Nesta seção, apresento alguns aspectos gerais da gramática da língua paumarí que serão relevantes para o entendimento do assunto abordado na seção 4 do artigo. Introduzo ao leitor diversos exemplos, para melhor compreensão do comportamento morfossintático da língua, demonstrados nos trabalhos descritivos do *Summer Institute of Linguistics* – SIL, com foco nos trabalhos de Chapman (1978), Chapman & Derbyshire (1991), Salzer & Chapman (1997) – doravante “pesquisadores do SIL”⁶, além de trabalhos mais recentes reinterpretando alguns aspectos da gramática dentro de um panorama da Morfologia Distribuída, como em Vieira (2006, 2010), Oliveiras (2008), Galván (2014) e Duarte-Borges (2022).

3.1 Ordem oracional e sistemas de Caso

A disposição dos verbos e seus argumentos em paumarí varia consideravelmente dependendo do sistema de Caso envolvido, segundo os pesquisadores do SIL. A ordem básica para estruturas ergativo-absolutivas é sujeito-verbo-objeto (SVO) em construções transitivas e verbo-sujeito (VS) em construções intransitivas. Quando a manifestação do padrão ergativo-absolutivo

6 A partir desse momento, para evitar repetição excessiva, irei me referir a estes três trabalhos de maneira unificada como “pesquisadores do SIL”, apenas utilizando as referências específicas, em momentos específicos, como nos exemplos dos dados da língua.

ocorre, o sujeito transitivo é marcado com o sufixo -a, para Caso ergativo, ao passo que objeto e sujeito intransitivo ocorrem precedidos pelo demonstrativo⁷ – que concorda em gênero com o DP pós verbal, com Caso absolutivo, não marcado (Ø). Importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito transitivo ergativo em 3ª pessoa, e concorda em gênero com o objeto e o sujeito intransitivo. Observe em (2a) e (2b) a ordem SVO e objetos masculino e feminino, respectivamente; em (2c), o verbo intransitivo cuja ordem é VS:

2. a) Koko-a bi-saka-ha ada makha-Ø .
 tio-Erg 3Sg-atacar-mod.M dem.M cobra-Abs
 “Tio atacou a cobra.”

b) Jomahi-a bi-anani-hi ida isai-Ø.
 Cão-Erg 3Sg-morder-mod.F dem.F menina-Abs.
 “O cão mordeu a menina”

c) Abini-hi ida arakava-Ø.
 morrer-mod dem galinha-Abs
 “A galinha morreu.”

(Chapman, 1978)

O padrão nominativo-acusativo coexiste com o ergativo-absolutivo, em geral, em sentenças em que o sujeito ou o objeto são de primeira ou segunda pessoas. Neste sistema, o sujeito transitivo, também é precedido pelo demonstrativo, se manifesta em ordem pós-verbal, engatilha concordância de gênero no sufixo verbal e recebe Caso nominativo, não marcado (Ø). O objeto, por sua vez, aparece precedendo o verbo, em Caso acusativo, recebendo o sufixo -ra, derivando assim a ordem objeto-verbo-sujeito (OVS).

⁷ Adoto o termo “demonstrativo” e não “artigo” para a ocorrência do *ida/ada/hida*, etc, seguindo o trabalho de Vieira (2006). Ainda que na tradução possa constar o artigo definido “o/a” em português, o estatuto deste elemento ainda é bastante inexplorado nos estudos da língua, não sendo escopo deste artigo.

3. a) ho-ra kaihamamahi-ha ada isai-Ø. (OVS)
 1SG-Acc zangar.se-mod Dem menino-Nom
 “O menino se zangou comigo.”

Também é possível a ordem sujeito-objeto-verbo (SOV), como exemplificado em (4), mas neste tipo de ordem, o sujeito transitivo precede o objeto e apresenta Caso Nominativo não marcado; o objeto em Caso acusativo não vem acompanhado pelo demonstrativo.

4. Mamai-Ø ho-ra baranaha-i'-hi. (SOV)
 mãe-Nom 1Sg-Acc chamar-Asp-mod
 “Mãe me chamou.”

Apesar de encontrarmos diversos exemplos de sentenças com esta ordem oracional, o nível de conhecimento da língua não nos permite entrar em mais detalhes acerca do ambiente em que tal ordem pode ocorrer.

3.2 Aplicativos

Diversos elementos morfológicos descritos pelos pesquisadores do SIL são apresentados de maneira vaga e confusa. Alguns destes elementos, especialmente os introdutores de argumentos, são classificados nos trabalhos dos autores do SIL algumas vezes como “transitivizadores”, e outras como “benefactivos” e “comitativos”.

Estes morfemas introdutores de argumentos foram reinterpretados como “morfemas aplicativos” dentro de um panorama da Morfologia Distribuída. Especificamente, foram descritos e analisados por Vieira (2006, 2010), com base na tipologia de Pylkkänen (2002, 2008) de aplicativos altos e baixos.

Em seu primeiro trabalho no assunto, Vieira (2006) observa que o paumarí possui apenas aplicativos altos, em quatro tipos de ocorrências: os afixos *ka-*, *‘a-*, *va-/vi-* e o afixo descontínuo *ka-...-hi*. Já em seu trabalho posterior (VIEIRA, 2010), a autora traz uma correção à análise anterior relativa ao

aplicativo *ka...hi*, reclassificando este como aplicativo baixo e esta análise é a que tomarei daqui pra frente.

O aplicativo alto *ka-* ocorre concatenado às construções intransitivas e licencia um objeto aplicativo com papel de fonte, como em (5).

5. a) o-asara-hi
 1sg-chorar-mod
 “Eu chorei”
- b) o-ka-asara-ha ada isai
 1Sg-aplA-chorar-Mod.M dem.M menino
 “Eu chorei (pel) o menino”

O aplicativo alto *va-* ocorre concatenado às construções intransitivas e licencia um objeto aplicativo com uma gama de papéis, dentre os quais locativo, instrumento e comitativo.

6. a) o-adara-hi
 1Sg-viajar-mod
 “Eu viajei”
- b) o-va-adara-ha ada isai.
 1sg-aplA-viajar-mod.M dem.M menino
 “Eu viajei (com) o menino”

Por fim, o aplicativo baixo expresso pelo afixo descontínuo *ka-...-hi* é realizado dentro do núcleo verbal em posição de argumento interno, segundo Vieira (2010).

7. a) Jaha-ki ‘ida gora
 Limpar-mod dem casa
 “A casa está limpa”

- b) Gisi ho-ra ka-jaha-hi-hi ida gora bodoni
 Gisi 1sg-acc aplB-limpar-aplB-mod dem casa dentro
 “Gisi limpou o interior da casa (para) mim”

Este aplicativo é concatenado às construções intransitivas e introduz dois argumentos, um agente e um com papel beneficiário/alvo, sempre denotando transferência de posse.

3.3 *Passivas*

Segundo as descrições da língua pelos pesquisadores do SIL, o paumarí possui passivas analíticas que se comportam como as passivas em português, por meio de um verbo auxiliar e uma nominalização, além da demissão do agente para oblíquo, como observado em (8).⁸

8. a) mina'di vani-a bi-n-oba-'iana-hi ida Kasai-Ø.
 Poraquê Foco-Erg 3Sg-Caus-eletrocutar-Asp-Mod dem Kasai-Abs.
 “O poraquê electrocutou Kasai de novo”

- b) oba-hi₁ hi₂-’iana-hi₃ ida Kasai-Ø (mina'di-a)
 electrocuta-nomlz Aux-Asp-Mod dem Kasai-abs poraquê-Obl
 “Kasai foi electrocutada de novo pelo poraquê”

Para os pesquisadores do SIL, a estrutura transitiva em (8a) é intransitivizada e forma (8b), com a promoção do DP objeto *ida Kasai* para posição de sujeito. O elemento *hi₂* é entendido como verbo auxiliar, nuclear na construção da passiva analítica. O verbo *oba* (“electrocutar”) é nominalizado com o sufixo *-hi₁*, vigorando na periferia esquerda e o DP *mina'di* (“poraquê”) é demovido para oblíquo, com a marcação do sufixo *-a*.

⁸ Devido à grande quantidade de elementos em paumarí com a mesma expressão fonológica, no caso, em (8b) três *hi* distintos, decidi por numerá-los para melhor explicação do exemplo: *hi₁*: sufixo nominalizador; *hi₂*: verbo auxiliar (para autores do SIL)/leve (para DUARTE-BORGES, 2022); *hi₃*: sufixo modal feminino.

Duarte-Borges (2022), por sua vez, discorda dos trabalhos do SIL em relação ao entendimento desta estrutura. O autor propõe que as sentenças têm a presença de Verbos leves e formam um complexo *hi*+DP. A principal argumentação dada se refere à capacidade de os elementos chamados de “auxiliares” poderem nuclearem em um vP, além da possibilidade de manipulação argumental, tendo em vista sua ocorrência junto de aplicativos e do causativo *na-*. Além disso, com base em Medeiros (2008 apud Duarte-Borges, 2022), o autor argumenta que auxiliares sejam um fenômeno puramente fonológico e não sintático, diferente de um verbo leve, que interage sintaticamente na estrutura.

Para resumir, Duarte-Borges (2022) argumenta que não seja possível determinar as estruturas passivas analíticas em paumarí pelas construções exemplificadas, ao menos de um ponto de vista sintático. Assim, a tradução de (8b) é reinterpretada para “Kasai levou um choque de novo”. Contudo, ainda que não seja possível determinar a passiva analítica, não é necessariamente verdade que não existam passivas em paumarí. Uma discussão inicial acerca das possibilidades de passivas não-canônicas foi iniciada por Duarte-Borges & Abrantes (no prelo). De modo introdutório, eles propõem um debate dos tipos de estruturas passivas em paumarí, seja de um ponto de vista sintático-semântico.

3.4 Causativas

O paumarí apresenta um prefixo para causativização: *na-* (e alofones *ni-/n-*). Bastante produtivo, este prefixo pode ocorrer em praticamente todos os tipos de verbos intransitivos, sejam de mudança de estado, mudança de lugar, atividade e estado (OLIVEIRAS, 2008):

9. a) Txina-ki hida café.
Doce-mod dem café
“O café está doce”

- b) O-na-txi-ki hida café.
 1Sg-Caus-doce-mod dem café
 “Eu adocei o café”
10. a) Vithi-ha ada isai
 Sentar-mod dem menino
 “O menino sentou”
- b) O-na-vithi-ha ada isai.
 1Sg-Caus-sentar-mod dem menino
 “Eu sentei o menino.”(=fiz sentar)

Discussões mais profundas em relação ao causativo serão realizadas na próxima seção.

4 Análise das estruturas verbais em Paumarí

4.1 Estruturas de alternância causativa-anticausativa prototípica

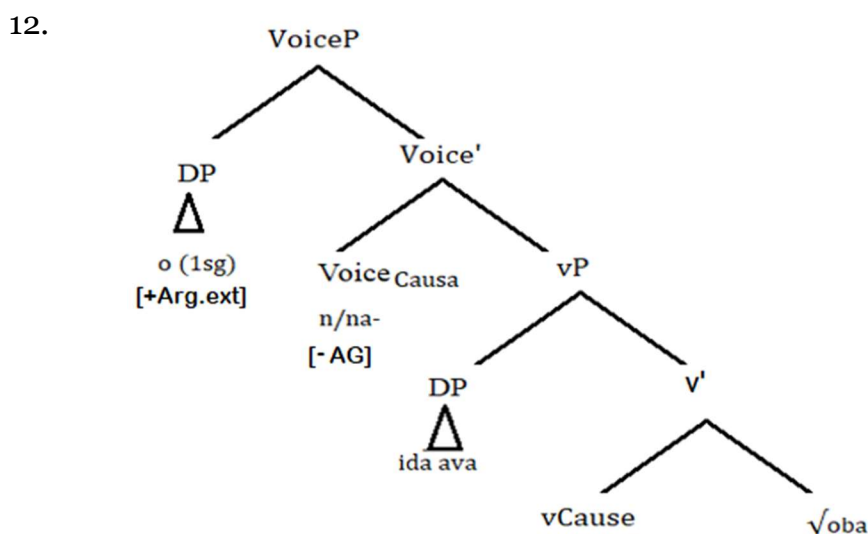
As estruturas verbais em paumarí que recebem a marcação do prefixo *na-* são tradicionalmente chamadas de *causativas*, nos trabalhos dos pesquisadores do SIL e posteriores, devido à leitura dada pela tradução⁹. Estas estruturas mais produtivas, serão chamadas aqui de *causativas prototípicas*. Podem ser exemplificadas por verbos intransitivos categorizados de raízes como *√vithi* (*sentar*), *√txina* (*adoçar*), *√asara* (*chorar*), *√oba* (*cortar*), entre outros. Estes verbos têm a possibilidade de causativização com *na-* e podem ser tanto inergativos, quanto inacusativos; semanticamente podem denotar uma eventualidade, tanto de mudança de estado, quanto de atividade (GALVÁN, 2014).

⁹ Aqui, me refiro especificamente à tradução disponível nos registros coletados das fontes de pesquisadores do SIL. Qualquer possível tradução equivocada, não poderá ser capturada de maneira exata, neste trabalho.

11. a) Oba-ki ida ava.
 Cortar-mod dem árvore
 “*A árvore corta.”(=pode ser cortada)
- b) ‘o-n-oba-hi ‘ida ava.
 1Sg-Caus-cortar-mod dem árvore
 “Eu cortei a árvore.”

(CHAPMAN, 1978: 24)

Em (11), o verbo *oba* parece se comportar de maneira próxima com o tipo “verbos de alternância causativo-incoativa” da proposta de SMM (2011), como os verbos *ferver* e *abrir* em PB. A diferença desta proposta com a que apresento reside na não possibilidade de raiz tomar um complemento. Deste modo, proponho preliminarmente, uma estrutura com a seguinte configuração para as causativas prototípicas em paumarí, tomando a raiz $\sqrt{oba}$ (cortar), exemplificada¹⁰:



A presença de um v com sabor vCause na estrutura indica a existência de uma estrutura bieventiva, aceitando leituras tanto restitutivas quanto repetitivas (FOLLI & HARLEY, 2005; SCHÄFER, 2008). Ou seja, a leitura do “complexo” de

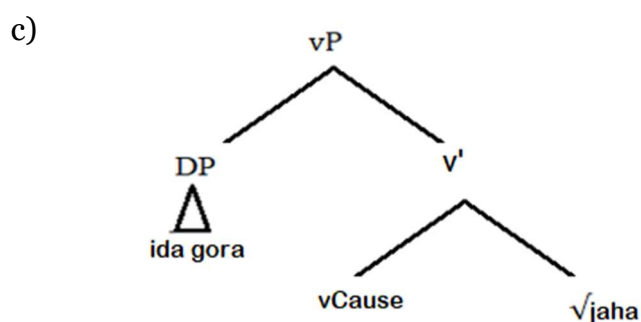
¹⁰ Nas representações do trabalho, ignoro questões de linearização e os modais da língua, como *hi*, *ha*, *ki*, etc.

causativização é evidenciada justamente por conta dessa característica da estrutura de eventos bieventiva, em um evento causado mais internamente, quando há a categorização da raiz pelo vCause, e um evento causador em vP. Adicionalmente, a proposta toma como base a estrutura causativa de Alexiadou (2006), assumindo uma configuração de traços [+arg.ext] e [-AG] em *Voice*, o que permite dizer que haja um argumento externo em *Spec* de *VoiceP* - o pronome de primeira pessoa (/o/) -, e que seja semanticamente *Originador* do evento causativo, não um agente, respectivamente. Além é claro, de uma fonologia explícita de causa (/na/). Essa proposta se aproxima de uma tipologia de *Voice*: *VoiceCAUSE*, *VoiceAGENT* (ALEXIADOU & SCHÄFER, 2006; SCHÄFER, 2008).

Em uma estrutura inacusativa para a raiz $\sqrt{\text{oba}}$ (*cortar*), como em (11b), trato aqui como uma anticausativa não marcada (em proposta similar à AAS) em que, tanto a contraparte transitiva, quanto a intransitiva da alternância são independentes quanto à sua derivação, e a expressão fonológica não aponta uma direcionalidade, ainda que seja tentador dizer que tais estruturas inacusativas são causativizadas. Abaixo, apresento outro par de estruturas anticausativa (13a) e causativa (13b) com outra raiz, $\sqrt{\text{jaha}}$ (*estar limpo*). Da mesma forma que os exemplos anteriores, a contraparte anticausativa não é marcada, e a estrutura em (13c) demonstra sua representação:

13. a) Jaha-ki ‘ida gora.
 estar.limpo-Mod Dem casa
 “A casa está limpa”

- b) ‘O-na-jaha-hi ida gora.
 1Sg-Caus-estar.limpo-Mod dem casa
 “Eu limpei a casa.”



Na estrutura em (13c), represento as anticausativas não marcadas na língua como em (13a) - e (11a) -, diferindo-se das marcadas, como veremos na subseção 4.4. Reforço que a presença do vCause discrimina uma estrutura igualmente complexa em questão de eventos como a estrutura em (12). Aqui, só não há necessidade de se representar um originador do evento causativo, e consequentemente a marcação com *na-*, como seria necessário em (13b) – e 11b.

Como tomo a proposta principal de trabalhos de um panorama da MD, a expressão fonológica /na/ em paumarí é apenas um item pós sintático de um núcleo (causador) que se manifesta morfologicamente na língua. Seguindo por esta linha, a proposta que pretendo defender em paumarí é que, na língua, também há estruturas *causativas não prototípicas*, ou seja, estruturas que são formadas sem a adição de um expoente fonológico para a contraparte causativa, apenas na contraparte anticausativa. Isto será visto nas próximas seções.

4.2 Paumarí diferencia inergativos e inacusativos?

Oliveiras (2008) propõe, com base em Wiltschko (2000 apud OLIVEIRAS, 2008) para a língua halkomelem (família salishe) e Souza (1994, 2006 apud OLIVEIRAS, 2008) para o bakairi (família Karib), que o paumarí não distinguiria intransitivos inergativos de intransitivos inacusativos, havendo apenas a classe dos inacusativos, justificando assim, a emergência do comportamento sintático ergativo da língua, hipótese que é defendida pela autora, levando em conta a capacidade do morfema causativo *na-* ser concatenado a qualquer intransitivo. Esta proposta, porém, foi contestada por Galván (2014), argumentando que Oliveiras não levou em conta a existência do sistema de Caso nominativo-acusativo em coocorrência com o sistema ergativo-absolutivo. Pautando-se na proposta de Vieira (2006) para os aplicativos, Galván levanta três argumentos centrais para defender a hipótese de a língua distinguir duas classes de intransitivos:

(i) O aplicativo descontínuo *ka-...-hi*: este aplicativo introduz um agente e um objeto no papel de beneficiário apenas em construções transitivas (14) ou intransitivas de mudança de estado (15):¹¹

14. a) jomahi-a bi-khori-ki hida nami-Ø.
 cão-Erg 3Sg-cavar-Mod Dem terra-Abs
 “O cão está cavando a terra.”
- b) ho-ra ka-khori-hi-ki hida nami-Ø.
 1Sg-Acc AplB-cavar-AplB-Mod dem terra-Abs
 “Ele cavou a terra para mim.”
15. a) abini-’i-hi ida arakava-Ø.
 morrer-Asp-Mod Dem galinha-ABS.
 “A galinha morreu”
- b) ho-ra ka-abini-hi-vini hi-ki ida arakava-Ø.¹²
 1Sg-Acc AplB-morrer-AplB-mod aux-mod Dem galinha-Abs.
 “Ele matou a galinha para mim.”

(ii) A existência do sistema nominativo-acusativo: a cisão de sistemas de Caso na língua, com a coexistência dos sistemas ergativo-absolutivo (SVO, (16a)) junto do sistema nominativo-acusativo (OVS, (16b)) parece ser um fator determinante para demonstrar a separação de classes de verbos intransitivos inergativos e inacusativos, uma vez que no sistema Nominativo-acusativo, os sujeitos, tanto de construções intransitivas, quanto de construções transitivas, formam uma classe natural e se igualam sintaticamente (conforme visto na subseção 3.1).

¹¹ Aparentemente, não é possível com intransitivos de ação, ao menos nos dados descritivos não foi possível encontrar tais ocorrências.

¹² Apesar da tradução ser *matar*, *abini* ainda se enquadra em uma estrutura de mudança de estado, não ação. Literalmente a tradução seria algo como “A galinha morreu por conta dele em meu benefício.”

16. a) Dono-a bi-ko'diraha-'a-ha ada isai hoaria.
 Dono-Erg 3sg-beliscar-Asp-mod dem menino outro
 “Dono beliscou o outro menino”

b) maravi-ra namonaha-hi ida mamai.
 Ventilador-Acc fazer-mod dem mamãe
 “Mamãe fez um ventilador”

(Chapman & Derbyshire, 1991:164-165)

(iii) O sufixo agentivizador *-ha*: este morfema libera o sujeito agente ao selecionar verbos de mudança de estado, já que não possuem sujeitos agentivos (mais aprofundado na subseção 4.4.2):

17. a) Siro-ki ‘ida siri-Ø.
 Abrir-mod dem tartaruga-Abs
 “*A tartaruga abriu.”(=pode ser aberta)

b) Siro-ha-ki ‘ada papai-Ø.
 Abrir-Ag-modo dem papai-Abs
 “?Papai abriu.”(inergativo)

Esses pontos, levantados por Galván (2014), argumentam em favor da língua diferenciar as classes de intransitivos, inacusativos e inergativos. Isto permitirá entrarmos nas discussões das próximas subseções.

4.3 Estruturas inergativas passíveis de causativização

O fato das causativas com *na-* serem licenciadas em ambas estruturas, inacusativas e inergativas, não parece um fenômeno de todo incomum nas línguas do mundo, especialmente em línguas ergativas. Em tenetehará (família tupi-guarani), por exemplo, o morfema causativo é dado pelo afixo *mu*, introduzindo uma causação direta, exatamente da mesma maneira em que ocorre

em paumarí, conforme analisado em Camargos (2015). Abaixo em (18) vemos o exemplo para inacusativa e (19) para inergativa:

18. a) u-pirik ?i a?e.
3Sg-pingar água ela
“A água pingou”

b) u-mu-pirik kwarer ?i a?e.
3Sg-Causa-pingar menino água ele
“*O menino pingou a água” (=O menino espirrou a água)

19. a) u-zahak kwarer a?e.
3-banhar menino ele
“O menino tomou banho”

b) u-mu-zahak kuzə kwarer a?e.
3Sg-Causa-banhar mulher menino ela
“A mulher deu banho no menino”

(CAMARGOS, 2015)

Essa possibilidade para causativização de estruturas inergativas foi atestada por Pylkkänen (1999, 2002, 2008). Em propostas lexicalistas, este tipo de possibilidade seria difícil de ser explicada. Para isto ocorrer, segundo a autora, é essencial o *Cause* ser separado de *Voice*. Tradicionalmente, tais estruturas têm sido representadas com duas camadas de vP, similar a estruturas subordinadas, sem o tratamento adequado de dois eventos.

Línguas como o inglês não permitiriam essa leitura causativa em verbos inergativos por conta da parametrização da língua em unir *Voice* e *Cause*, língua do tipo *Voice Bundling*. O exemplo em (20a), com a raiz $\sqrt{cry}$ é agramatical em inglês, enquanto em línguas como japonês com a raiz $\sqrt{naku}$ em (20b) e em paumarí com a raiz $\sqrt{asara}$ em (20c), são gramaticais, significando “X CAUSE chorar Y”.

20.a) * John √cri-ed the children.

b) John-ga kodomo-o √nak-asi-ta.

John-Nom criança-Acc chorar-Causa-psd

“John fez a criança chorar”

(PYLKKÄNEN, 2002: 110)

c) O-na-√asara-ha ada isai.

1sg-Caus-choro-mod dem menino

“Eu fiz a criança chorar”

(CHAPMAN, 1978: 24)

Segundo Pyllkkänen (2002, 2008), a causativização é possível em qualquer estrutura, como visto nos exemplos em (20b) em japonês e (20c) em paumari. Até mesmo em português brasileiro é possível a causativização em verbos inergativos, a depender de algumas idiomatizações, como atestado por SMM (2011), chamado pelos autores de alternância inacusativa-inergativa, por conta da possibilidade de ocorrência em ambas as estruturas:

21. a) Maria correu.

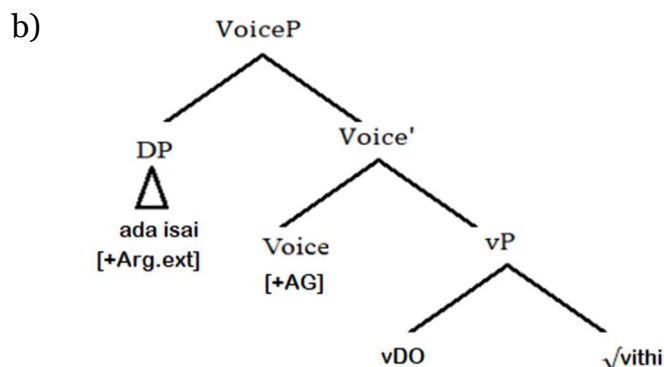
b) A pedra correu (morro abaixo).

c) Maria correu a pedra (morro abaixo).

A necessidade principal para a existência de alternância é que haja essencialmente uma contraparte inacusativa na alternância, como em (21b).

Apresento a seguir uma proposta de representação sintática de uma estrutura inergativa, em (22b), com a tomada da raiz √*vithi* (*sentar*), expresso na sentença em (22a), com *Voice* portando os traços [+arg.ext] e [+Ag], por ser semanticamente um agente, diferenciando-se da estrutura causativa mostrada na subseção 4.1:

22. a) Vithi-ha ada isai
 Sentar-mod dem menino
 “O menino sentou”



Em português brasileiro, SMM (2011) argumentam que, com um verbo de alternância causativa-anticausativa como *abrir*, por exemplo, é possível utilizar de advérbios temporais modificando a atividade causadora, culminando com o fim do evento ser “aberto”, como na sentença “O guarda abriu a porta por alguns minutos.” (SMM, 2011:9) Em paumarí, mesmo em uma estrutura inergativa simples ou causativizada, é possível verificar modificações aspectuais, como a reduplicação da raiz $\sqrt{bada}$ (*tocar, trabalhar*), modificando aspectualmente a eventualidade, a fim de culminar com o evento.

23. a) o-bada-bada-ja.
 1Sg-trabalhar-redup-mod
 “Eu trabalho rapidamente (para acabar o trabalho).”

(CHAPMAN & DERBYSHIRE, 1991: 336)

- b) Bi-na-bada-bada-vini(...)
 3Sg-Caus-tocar-Redup-Mod
 “Ele tateou(tentando achar algo)”.

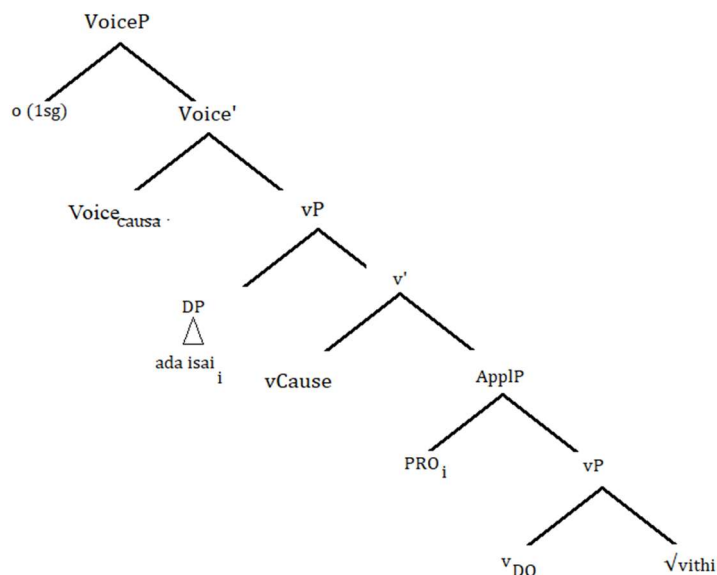
(SALZER & CHAPMAN, 1997: 131 ,adaptado)

Interpreto aqui essa reduplicação como uma evidência preliminar para a existência de uma estrutura bieventiva em estruturas causativizadas de inergativas na língua. Em (23a), o verbo inergativo de atividade *bada* (*trabalhar*) tem sua raiz reduplicada e a sua eventualidade modificada aspectualmente. Em (23b), a adaptação do verbete do dicionário paumarí aparece sob a mesma raiz, de maneira polissêmica e é interpretada como “tocar”, concatenado ao causativo *na-*. Essa raiz é reduplicada denotando uma atividade iterativa de “ir tateando à procura de algo”, que parece culminar quando o evento finaliza (“até encontrar”)¹³.

A proposta que levanto para representação de uma inergativa causativizada em paumarí é a estrutura em (24b), com base na causativização do verbo *vithi* (*sentar*), na sentença em (24a):

24. a) O-na-vithi-ha ada isai.
 1sg-Causa-sentar-mod dem menino
 “Eu sentei o menino.”(=fiz sentar)

b)



¹³ Esta interpretação é minha, com base na tradução do verbete de dicionário de Salzer & Chapman, 1997.

Neste exemplo sigo Pylkkänen (1999) em sua proposta para inergativas causativizadas. A proposta preliminar é que o sujeito se insira em um *VoiceCAUSE* (no caso a 1Sg), origine o evento causador, representado pelo vP mais alto, introduzido por um vCAUSE. O DP *ada isai* (*o menino*) em *Spec* deste vP é correferente ao PRO no *Spec* do ApplP (que denota um evento causado), estabelecendo uma relação de controle. Este aplicativo é proposto como denotador de uma transferência de posse, e se posiciona acima de um vP com sabor vDO, denotando um evento simples de “sentar”, pelo verbo intransitivo inergativo *vithi*.

4.4 O sufixo *-ha* em dois tipos de estruturas

As estruturas verbais formadas por meio da categorização verbal das raízes como $\sqrt{soko}$ (*lavar*), $\sqrt{rakho}$ (*plantar*), $\sqrt{khori}$ (*cavar*), dentre outros, têm uma característica bastante distinta dos outros elementos verbais da língua. A literatura descritiva demonstra que todas as ocorrências se manifestam em contextos verbais tipicamente transitivos, isto é, ocorrem sempre com dois argumentos, um agente e outro tema. Consequentemente, por estarem em uma ocorrência biargumental não são passíveis de serem licenciados pelo causativo *na*, não sendo encontrada em nenhuma das ocorrências coletadas. Um detalhe importante: para estes tipos de construções verbais, há a possibilidade de ocorrência do sufixo *-ha* (ou alofone *-a*), chamado de intransitivizador/detransitivizador¹⁴. Este elemento de “redução de valência”, segundo os pesquisadores do SIL, elimina o sujeito agente em Caso ergativo da estrutura argumental em ordem SVO (como em (25a)) e reorganiza para uma estrutura intransitiva em ordem VS (em (25b)), com sujeito tema absolutivo. A intransitivização, além de poder manter um argumento com papel de tema, tem capacidade de gerar uma estrutura em que o sujeito com papel agente é mantido, como pode ser visto em (25c):

¹⁴ No original, *intransitiviser* (Chapman, 1978) ou *detransitivizer* (Chapman&Derbyshire, 1991).

25. a) Jomahi-a bi-khori-ki ida nami-Ø.
cachorro-Erg 3Sg-cavar-mod dem terra-Abs
“O cachorro cavou a terra”
- b) khora¹⁵-ha-ki ida nami-Ø.
cavar-Intrans-mod dem terra-Abs
“*A terra cava.” (= “pode ser cavada”)
- c) khora-ha-ki ida jomahi-Ø.
cavar-Intrans-mod dem cachorro-Abs
“O cachorro cava.”

(CHAPMAN, 1978:14, adaptado)

Algumas questões podem ser levantadas para a estrutura inacusativa que este elemento gera ao reduzir a valência verbal em (25b). Em primeiro lugar, é preciso deixar claro o amplo número de expressões fonológicas similares entre si em diversos morfemas. Ou seja, há diversos /hi/, /ha/, /ni/, /na/, etc, para diferentes funções e núcleos funcionais¹⁶. Um destes casos, em especial, é o do item /ha/. Este item aparece com, pelo menos, quatro diferentes funções na língua. Para a discussão atual, tratarei de uma delas, chamada de intransitivizador e levantarei a hipótese de que este item /ha/ (e alofone /a/) aparece como item de vocabulário, não em apenas uma função, mas em dois tipos de morfemas distintos:

- I. Para as estruturas intransitivas inacusativas, ou seja, com sujeito tema, chamo de “anticausativas marcadas”, pois se situam em estruturas que chamo de “alternância causativa-anticausativa não prototípicas” (aprofundarei na subseção 4.4.1);

¹⁵ Esta raiz, quando em presença do sufixo -ha, muda de √khori para √khora.

¹⁶ Estes dados abrem margem para a possibilidade de estudos para a Subespecificação de itens de vocabulário na língua, o que não é o escopo central deste trabalho. Para uma pequena descrição da subespecificação de /hi/ e /ni/, ver Duarte-Borges (2022).

II. Para as estruturas intransitivas cujo sujeito é agente, chamarei de “categorizador verbal inergativo” (aprofundarei na subseção 4.4.2).

Observa-se que uma estrutura de alternância causativa/anticausativa, como nas construções tratadas na seção 4.1, se assemelham em muitas características, com as desta seção e explicadas no item I. Nos trabalhos descritivos, a única causativa é aquela dada pelo prefixo *na-*. Pretendo defender aqui uma segunda possibilidade de alternância causativa em paumarí, em que a contraparte transitiva não tem fonologia expressa, enquanto a intransitiva sim. Para isso, é necessário reinterpretar o “morfema intransitivizador” *-ha(-a)*, como veremos na próxima subseção.

4.4.1 Estruturas de alternância causativa-anticausativa não prototípica

Existem duas possibilidades principais de interpretação de estruturas com o intransitivizador *-ha*, com sujeito tema: anticausativas ou passiva. Por um lado, embora o significado das sentenças intransitivas pareça com a de passivas, é impossível predizer se são ou não passivas apenas pela tradução dos dados. Como tenho à disposição apenas dados secundários, testes de gramaticalidade são impossíveis de fazer.

Segundo AAS, um argumento importante para se atestar uma anticausativa e diferenciá-la de uma passiva é por meio de testes de PPs que expressam causa, enquanto passivas aceitam qualquer papel temático no mesmo ambiente. Tendo em vista que passivas são detransitivizadas, ao passo que anticausativas são estruturas de formação própria, fica evidente, ao recuperar um operador demovido pela redução de valência, que são estruturas passivas. Assim, seria possível recuperar um argumento causador demovido por algum processo de detransitivização. Anticausativas, por sua vez, têm uma formação própria e primordial em si, não derivando de uma causativa¹⁷.

¹⁷ Esta é a proposta de que parto neste artigo, seguindo AAS. Outros autores lexicalistas, como Levin & Rappaport-Hovav (1995), defendem que anticausativas, ao menos no inglês, são derivadas de causativas.

Essas argumentações levam a crer que as anticausativas e causativas são estruturalmente bastante similares, tendo a primeira uma camada causativa, mas não a presença de um argumento externo. Isto não significa necessariamente que não exista um núcleo *Voice* em uma anticausativa; apenas que este nó carrega traços [-AG], diferente de uma estrutura inergativa ou transitiva clássicas, com sujeito agentivo.

Ainda que os pesquisadores do SIL tenham descrito uma passiva analítica em paumarí, de outra maneira - e tratada como verbo leve por Duarte-Borges (2022), discussão explicitada na seção (3.3) -, nada impede de haver outras maneiras de expressar a voz na língua. Porém, em nenhuma das ocorrências coletadas com intransitivizador, é possível verificar indícios que evidenciem a possibilidade de retomada de um agente via PP, por exemplo. AAS apresentam uma diversidade de testes a serem realizados para a diferenciação entre as estruturas (com adaptações minhas para os exemplos em português):

i) licenciamento de sintagma por/pelo¹⁸: Passivas permitem e anticausativas não.

26. a) O barco foi afundado por Michael/ pelo furacão.

b) * O barco afundou por Michael/ ? pelo furacão¹⁹.

ii) habilidade de controle: Argumento externo implícito de passivas pode controlar sujeito PRO. Anticausativas não tem argumento externo, logo não podem controlar.

27. a) O baú_i foi aberto [PRO_i para coletar as moedas]

b) *O baú_i abriu [PRO_i para coletar as moedas]

iii) ocorrência com advérbios agentivos (ex: deliberadamente): Passivas podem, anticausativas não.

¹⁸ Licenciamento de *by-phrase*, no original.

¹⁹ Em PB, alguns falantes podem aceitar anticausativa com por+DP inanimado. Agradeço a um(a) dos pareceristas anônimos pelo apontamento.

28.a) A janela foi quebrada deliberadamente.

b) *A janela quebrou deliberadamente.

iv) licenciamento de PP instrumental: Passivas podem licenciar, mas anticausativas não licenciam.

29.a) A vidro foi quebrado por João com o martelo.

b) ? O vidro quebrou com o martelo.²⁰

v) licenciamento do anafórico “por si próprio”²¹: passivas não licenciam, anticausativas e transitivas sim.

30.a) *O copo foi quebrado por si próprio.

b) O copo quebrou por si próprio.

c) Carlos quebrou o copo por si próprio.

A impossibilidade de atestar gramaticalidade ou aceitabilidade em paumarí parece ser um impeditivo para confirmar com um alto grau de certeza os resultados dos testes propostos pelas autoras. Substancialmente, não há como aferir com precisão, já que não temos à disposição evidências de dados negativos. Justamente por conta disso, me atentarei apenas aos dados positivos. Ainda que algumas pistas possam parecer apontar para a direção das passivas em algumas estruturas e outras, para a direção de anticausativas, não parece ser o caso de definir por uma linha ou outra, tendo em vista, que passar em apenas um dos testes não indica certeza do comportamento sintático.

Por não ter encontrado evidências consistentes em diversos testes, seja explicitamente a favor das passivas, seja a favor das anticausativas, tomarei preliminarmente a proposta com a defesa de anticausativas, tendo em vista o

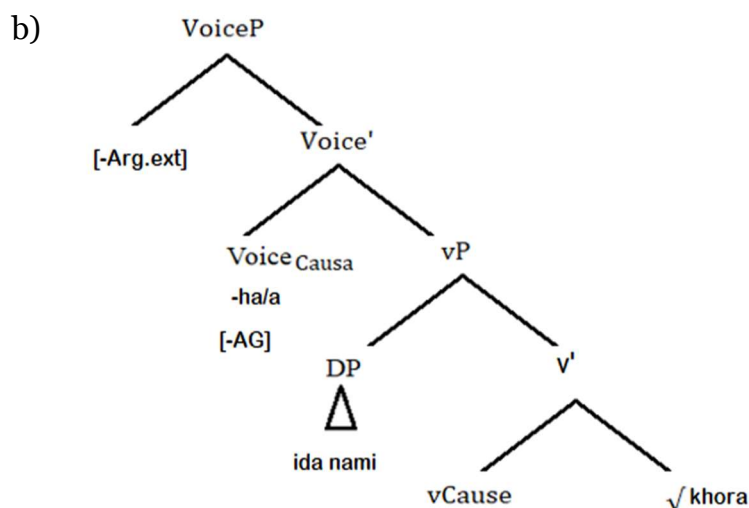
²⁰ No teste original “The window broke with hammer” é agrammatical, o que em PB parece ser aceitável, ainda que possa haver dúvidas, dependendo do contexto.

²¹ Originalmente *by-itself*. Esta expressão em inglês pode significar tanto “sem causa particular” ou, “sozinho”, este último não interessando ao teste.

contraste evidente com as estruturas causativas marcadas, que se mantêm como principal argumento em favor de uma contraparte anticausativa. Para manter um padrão de análise, utilizo a não marcação da causativa e marcação explícita da anticausativa na estrutura *causativa não prototípica*, como uma evidência sintática, *a priori*, para a existência de anticausativas marcadas. Obviamente, uma discussão mais aprofundada em outro momento oportuno, quando houver o levantamento de dados mais precisos e completos, se faça verdadeiramente necessária.

Seguindo por essa linha, da mesma maneira como o par de alternância tratado na seção 4.1, proponho que o paumarí tenha outro tipo de alternância causativa-anticausativa, na qual a contraparte causativa não é marcada. Isto porque, a contraparte anticausativa da alternância é marcada, saturando a posição de núcleo de *Voice*; este *Voice* por sua vez, carrega traço [-AG], onde é pareada a fonologia do sufixo *-ha* (ou *-a*) em PF, anteriormente preenchida pelo item /na/ (Seção 4.1); além de ter [-arg.ext], que bloqueia da posição de *Spec* de *VoiceP* a ocorrência de um argumento externo, diferenciando-se da causativa prototípica. Assim, para a sentença anticausativa em (31a), teremos a estrutura em (31b), seguindo a proposta de anticausativa do tipo 2 (marcadas), proposta em Alexiadou (2006) e AAS:

31. a) khora-ha-ki ida nami-Ø.
 cavar-ANTICAUS-mod dem solo-Abs
 “*O solo cava.” (=pode ser cavado)



Em relação à eventualidade, estas estruturas também são bieventivas e dinâmicas, e se parecem com a estrutura prototípica descrita na outra seção (4.1).

4.4.2 Categorizador verbal inergativo

Uma outra possibilidade de licenciamento de argumento em paumarí é através do sufixo chamado na literatura descritiva de Agentivizador²², como abordado na subseção 4.4. Este morfema licencia um argumento externo agente, em raízes que denotam mudança de estado, gerando estruturas inergativas (GALVÁN, 2014). Em geral, quando essas raízes não têm expressão fonológica na categorização verbal, o sujeito tomado recebe papel de tema, gerando uma estrutura verbal inacusativa. Esse contraste pode ser notado nos exemplos abaixo, em (32a) para inacusativas – categorizado sem expressão fonológica - e em (32b) com a ocorrência do agentivizador expresso, em uma estrutura com leitura agentiva.

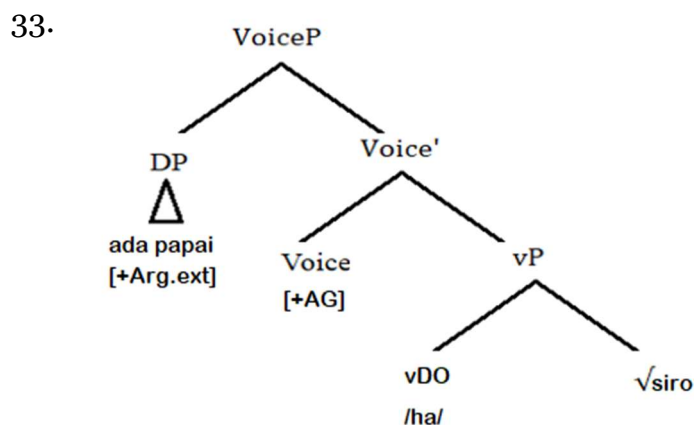
32. a) siro-ki ‘ida siri.
 abrir-mod dem tartaruga
 “A tartaruga abriu.” (=foi aberta)

 b) siro-ha-ki ‘ada papai
 abrir-Ag-Mod dem papai
 “Papai abriu.”

Os exemplos anteriores foram apresentados para deixar clara a diferença entre uma estrutura com o *agentivizador* e uma sem. Obviamente, o exemplo em (32a) é uma contraparte anticausativa de uma alternância causativa, da maneira como explicado na subseção 4.4. É um verbo passível de ser causativizado com o prefixo *na-*, gerando uma sentença transitiva cuja interpretação é “X CAUSA a abertura de Y”, em uma sentença como “Papai-a na-siro-ki ‘ida siri” (=Papai abriu

²² *Activizer* em Chapman (1978) e *Action* em Chapman & Derbyshire (1991).

a tartaruga)²³. Assim como tratado na seção 4.1, esta estrutura é bieventiva e o argumento externo é estruturalmente desvencilhado do evento causador da ação por paumarí ser uma língua *Voice Splitting*. No caso, o argumento *Papai* é semanticamente o originador do evento causativo dado em vP (sabor *vCause*). É de suma importância estabelecer essa distinção, e esse Agentivizador tratarei como um *categorizador verbal inergativo*, semanticamente introduzindo um evento aos moldes de Marantz (2013), com a seguinte representação em (33), da sentença (32b), com os mesmos traços em *Voice* [+arg.ext] e [+Ag], como da estrutura (22b) da subseção 4.3.



Em diversos momentos nos trabalhos descritivos da língua, os autores mencionam o sufixo *-ha* como bastante produtivo, muitas vezes sem uma interpretação muito clara deste elemento, que interpreto aqui como *categorizador inergativo*. É possível observar que, em várias ocorrências, ele coocorre com o causativo *na-* (e com diversos aplicativos, como *ka-*). Observe os exemplos:

²³ Esta sentença foi livremente criada por mim, com base nos exemplos anteriores e no padrão SVO (ergativo) da língua. Não tenho intuição de falante nativo, porém, com base em todos os dados coletados seria muito difícil que tal sentença fosse inaceitável. Adicionalmente, nos dados coletados é possível visualizar o seguinte exemplo, o que reforça a sentença proposta:

‘o-na-siro-hi ‘ida siro.
 1Sg-Caus-abrir-Mod dem tartaruga
 “Eu abri a tartaruga.” (CHAPMAN, 1978: 25)

34.

[...] ²⁴ abono-ni ka-na-hahani-ha-'i-hi.
[...], reflexivo-Nomlz Apl-Causa-rir-Ag-Asp-mod
“[...] ela riu de si própria.”

Este tipo de ocorrência reforça a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) de separação entre o argumento externo e um evento causador.

4.5 Aplicativos baixo e a possibilidade de ocorrência com Cause

O paumarí permite a ocorrência de um aplicativo baixo, como analisado por Vieira (2010), o aplicativo descontínuo *ka-...-hi*. Este núcleo funcional se concatena às estruturas transitivas, tornando a interpretação da estrutura semanticamente bitransitiva; sintaticamente, porém, apresenta o núcleo aplicativo baixo em posição de argumento interno da estrutura verbal, como previsto na tipologia de Pylkkänen (2002, 2008). Vale destacar que o causativo *na-* e o aplicativo descontínuo *ka-...-hi* ocorrem apenas em distribuição complementar, ou seja, não há registros de sentenças com os dois elementos, simultaneamente.

35. a) Koko-a bi-na-abini-hi ida arakava.
tio-Erg 3Sg-Caus-morrer-mod dem galinha
“O tio matou a galinha”

b) Koko-a bi-na-abini-hi ida arakava kodi-moni.
tio-Erg 3Sg-Caus-morrer-mod dem galinha mim-para
“O tio matou a galinha para mim”

²⁴ A sentença original apresenta uma sequência de coordenações, que não interessam diretamente ao escopo do exemplo. Prefiro omitir tendo em vista o espaço de discussão. Porém, apresento toda a sentença com a tradução abaixo:

a-oga-'i-hi, a-ki'dama-'i-hi, adari-'i-hi, kajo'atha-rari-'i-hi, abono-ni ka-na-hahani-ha-'i-hi.
“Nós fugimos, nós embarcamos, ela caiu, ela caiu de joelhos, ela riu de si própria.”

Para mais detalhes, consultar Chapman & Derbyshire (1991: 174).

- c) Ho-ra ka-abini-hi-vini hi-ki ida arakava.
 1Sg-Acc AplB-morrer-APLB-mod leve-mod dem galinha
 “O tio matou a galinha (para) mim”

(CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991: 302)

Segundo Vieira, o objeto aplicativo torna-se sintaticamente ativo, deixando o argumento interno sintaticamente inerte, sendo uma estrutura applicativa assimétrica, ou nos termos de Pylkkänen, um núcleo aplicativo baixo, denotando semanticamente uma transferência de posse. Parece que esta estrutura tem implicações ainda mais interessantes no sentido de licenciar um argumento agente.

É curioso observar que a raiz $\sqrt{abini}$ (*morrer*) em paumarí, diferente do $\sqrt{morrer}$ em português ou $\sqrt{die}$ em inglês não ocorre pura e simplesmente em uma estrutura inacusativa, sem alternância. Possivelmente, o fato de a língua paumarí ser *Voice-Splitting*, permite que a raiz seja concatenada nestes contextos, além, é claro, de permitir que os traços sejam distintos. Para SMM (2011), raízes deste tipo são exclusivamente inacusativas, como $\sqrt{morrer}$, $\sqrt{chegar}$, $\sqrt{nascido}$, etc, e não são passíveis de serem causativizadas, sendo modificadoras de um v que não predica. Em minha proposta, raízes nunca podem predicar, e esta não foge do padrão. A raiz $\sqrt{abini}$, portanto, se comporta de maneiras distintas, a depender do ambiente sintático em que está inserida e não de uma capacidade intrínseca da raiz. Quando em uma estrutura com o prefixo causativo *na-*, funciona como uma alternância causativa prototípica, como tratado na subseção 4.1; quando em uma estrutura applicativa baixa com *ka-...-hi*, se comporta de modo a denotar uma semântica de transferência de posse, conforme analisado por Vieira (2010).

4.6 Aplicativos altos e manifestação de agente

Pylkkänen (2008) apresenta dados de duas línguas bantu, venda e luganda, que permitem a ocorrência de um aplicativo alto junto de causativas. Isso tem implicações sintáticas muito interessantes, constituindo uma evidência

bastante forte para as línguas serem *Phase-selecting Cause* (PYLKKÄNEN, 2002; 2008). Isto significa que não há muitas restrições para a ocorrência de núcleos funcionais entre um núcleo *Cause* e a raiz categorizada, especialmente em uma modificação agentiva baixa. Observemos as possibilidades morfológica nas duas línguas, apresentadas em Pylkkänen (2002, 2008):

Venda:

- 36. a) tshimbila: "andar" - Infinitivo
- b) tshimbi-dz-a: "fazer andar" - Causativo
- c) tshimbil-el-a: "andar para" - Aplicativo
- d) tshimbil-e-dz-a: "fazer andar para" - Aplicativo+Causativo

Luganda:

- 37. a) tambula: "andar" - Infinitivo
- b) tambu-za: "fazer andar" - Causativo
- c) tambul-ir-a: "andar para" - Aplicativo
- d) tambul-i-z-a: "fazer andar para" - Aplicativo+Causativo

(PYLKKÄNEN, 2008: 118, adaptado)

Em paumarí, é possível notar também que há a possibilidade de concatenação de aplicativos altos como *ka-* junto de causativas prototípicas com *na-*. Notemos o exemplo em (38):

38. ho-ra ka-na-siho-ki o-vai'ami-na
1Sg-Acc AplA-Caus-fogo-mod 1Sg-ter.fome-Mod
"Minha fome causou que eu cozinhasse."²⁵

²⁵ No original, a tradução é "*My being hungry caused me to cook*". A tradução que fiz se aproxima mais do original, porém, de maneira literal, a tradução mais apropriada parece ser algo como "O fato de eu estar com fome causou eu fazer fogo para meu benefício"

A estrutura complexa é composta de duas orações, uma encaixada, na posição de sujeito da oração matriz (ordem VS), inacusativa, com o verbo *vai'ami* (*ter fome*), licenciada com denotação de evento causativo pelo morfema causativo prototípico. Observa-se ainda a liberação de um argumento aplicativo alto, no papel de beneficiário, devido ao aplicativo *ka-*. Isto reforça a proposta de Pylkkänen, que pode ser adaptada à realidade empírica do paumarí.

5 Conclusão

Este estudo visou trazer algumas contribuições para a área de estudos das línguas indígenas brasileiras, pois colocou em discussão estruturas ainda pouco analisadas do ponto de vista formal. Pretendeu-se contribuir também para o maior registro e documentação de uma língua ameaçada de extinção, como é o caso do paumarí.

Do ponto de vista teórico, apesar de as estruturas causativas da língua já terem sido analisadas de maneira inicial por Galván (2014), procurei trazer novas contribuições, em especial ao propor a possibilidade de estruturas de alternância causativa-anticausativa, tanto de maneira que chamo de *prototípicas*, ou seja, marcadas na transitiva, com prefixo *na-*, quanto em estruturas que chamo de *não-prototípicas*, isto é, marcadas na contraparte anticausativa. Esta proposta, apesar de se encontrar em estágios iniciais, pode trazer uma nova abordagem das estruturas agentivas (especialmente inergativas) da língua, por propor uma visão de dois morfemas - um de anticausativas, outro de categorização de estrutura verbal inergativa – para o que antes era entendido apenas como um morfema intransitivizador *-ha*.

A Morfologia Distribuída apresenta-se como essencial para o tratamento da gramática do paumarí, levando em conta que diversos fenômenos da língua só podem ser entendidos de maneira clara com o ferramental teórico que um modelo construcionista de Gramática Gerativa propõe. As raízes da língua paumarí, por exemplo, se apresentam em contextos estruturais muito diversos, sendo um elemento crucial sua interpretação como acategoriais. Além disso, como propõe Pylkkänen (2002, 2008) para diversas línguas, a distinção entre um sujeito causador e um sujeito agentivo em paumarí é absolutamente verdadeira.

Referências

- ALEXIADOU, A. *On the morphosyntax of (anti-)causative verbs*. Workshop: Syntax, Lexicon and Event Structure. The Hebrew University of Jerusalem Honoring Anita Mittwoch, 2006.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, Florian. *The properties of anticausatives crosslinguistically*. In: FRASCARELLI, M. (ed.), *Phases of interpretation*. Berlin: Walter de Gruyter, v. 91, p. 187-211, 2006.
- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. *External arguments in transitivity alternations: A layering approach*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- ALEXIADOU, A.; SCHÄFER, F. *Instrument Subjects Are Agents or Causers*. Proceedings of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics, ed. Donald Baumer, David Montero, and Michael Scanlon, p. 40-48. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2006.
- BASSANI, I. S. & MINUSSI, R. D. *Contra a seleção de argumentos pelas raízes: nominalizações e verbos complexos*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 13, p. 139-173, 2015.
- CAMARGOS, Q. F. *Morfemas causativos nas línguas indígenas brasileiras*. Revista Sociodialeto do Grupo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (GPESD–UEMS). Volume 5, Edição Nº 15 p. 198- 218, maio, 2015.
- CHAPMAN, S. & DERBYSHIRE, D. Paumari. In: Derbyshire e Pullum (orgs.), *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin, Mouton de Gruyter, 1991.
- CHAPMAN, S. *Paumari derivational affixes*. Brasília, SIL, 1978.
- CUERVO, C. *Datives at large*. Tese de Mestrado. MIT, Massachusetts , 2003.
- DUARTE-BORGES, G. A. *Os verbos auxiliares e leves em Paumari à luz da Morfologia Distribuída*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- DUARTE-BORGES, G. A. & ABRANTES, G. R. *Existem passivas em paumari? Uma análise preliminar de estruturas verbais em dados descritivos*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. No prelo.
- FOLLI, R. & HARLEY, H. *Flavors of v: consuming results in Italian and English*. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (eds.), *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Kluwer, 2005.

GALVÁN, G.M.N. *Causativas: um estudo comparativo entre o russo e o paumari*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HARLEY, H. *The morphology of nominalizations and the syntax of vP*. In: *Quantification, Definiteness and Nominalization*. Monika Rathert and Anastasia Giannadikou (eds). Oxford: OUP, pp. 320-342. 2009.

HARLEY, H. *On the identity of roots*. *Theoretical Linguistics* 40(3/4), 225-276, 2014.

HARLEY, H. *The “bundling” hypothesis and the disparate functions of little v*. In *The Verbal Domain*. Roberta D'Alessandro, Irene Franco and Angél J. Gallego (eds), pp. 3-28. Oxford: OUP, 2017.

KRATZER, A. *Severing the External Argument from its Verb*. In J. Rooryck and L. Zaring eds., *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996

LEVIN, B., & RAPPAPORT-HOVAV, M. *Unaccusativity: At the syntax-lexical semantics interface* Cambridge: MIT Press, 1995.

MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: Linguistic Inquiry Monographs, 1984.

MARANTZ, A. *No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon*. University of Pennsylvania working papers in linguistics, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

MARANTZ, A. *Verbal argument structure: Events and participants*. *Lingua*, v. 130, p. 152-168, 2013.

NÓBREGA, V. A. *Raízes: primitivos sintáticos defectivos*. *Caderno de Squibs*, v.1, n.1, p. 43-50. 2015.

NÓBREGA, V. A. *No escape from categorization: na insider's view of compounds*. *Ilha do Desterro*, v.73, n. 3, p 103-126, Florianópolis, set/dez, 2020.

OLIVEIRAS, T.R. A. *As classes verbais em Paumari*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PYLKKÄNEN, L. *Causation and External Arguments*. MIT Working Papers in Linguistics 35, p. 161-183. 1999.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Tese (PhD em Linguística) – Departamento de Linguística e Filosofia. Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

SALZER, M. & CHAPMAN, S. *Dicionário Bilíngue nas Línguas Paumari e portuguesa*. Brasil, 1997.

SCHÄFER, F. *The syntax of (anti-) causatives: External arguments in change-of-state contexts*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

SCHER, A. P. ; MEDEIROS, A. B. ; MINUSSI, R. D. *Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída*. In: Naves, Rozana Reigota; Salles, Heloísa Maria M. L.. (Org.). *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. 1ed. Goiânia: Cânone Editorial, v. 1, p. 175-198, 2011.

VIEIRA, M.M.D. *Os núcleos aplicativos em Paumari (Família Arawá)*. Rev. Estudos da Língua(gem). Pesquisas em línguas indígenas. Vitória da Conquista, v.4, n.2,. dez. de 2006.

VIEIRA, M. M. D. *Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010.

[Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2023 e aceito em 27 de julho de 2023.]